Enap Escola Nacional de Administração Pública

Estilos de Aprendizagem

Módulo 2 Teoria e prática dos estilos de aprendizagem

Atualizado em: maio de 2015

Conteúdo para impressão

Fundação Escola Nacional de Administração Pública

Presidente
Gleisson Rubin

Diretor de Desenvolvimento Gerencial
Paulo Marques

Coordenadora-Geral de Educação a Distância
Natália Teles da Mota Teixeira

Conteudista
Andrea Filatro (2014)

Diagramação realizada no âmbito do acordo de Cooperação TécnicaFUB/CDT/Laboratório Latitude e Enap.

© Enap, 2015

Enap Escola Nacional de Administração Pública
Diretoria de Comunicação e Pesquisa
SAIS - Área 2-A - 70610-900 — Brasília, DF
Telefone: (61) 2020 3096 - Fax: (61) 2020 3178

SUMÁRIO

Apresentação **5**

2.1 A teoria dos estilos de aprendizagem **6**

2.2 Estudo de caso: identificando o seu estilo cognitivo **8**

2.3 Famílias de estilos de aprendizagem **8**

2.4 A classificação VAK **9**

2.5 Dependência/independência de campo **11**

2.5.1 Estilo independente de campo *12*
2.5.2 Estilo dependente de campo *13*

2.6 O inventário de estilos de Kolb **13**

2.7 Classificação de Honey-Alonso **15**

2.8 Estudo de caso: identificando o seu estilo de aprendizagem **16**

2.9 Fechamento **16**

Referências bibliográficas **17**

Módulo 2 Teoria e prática dos estilos de aprendizagem

Apresentação

Olá,

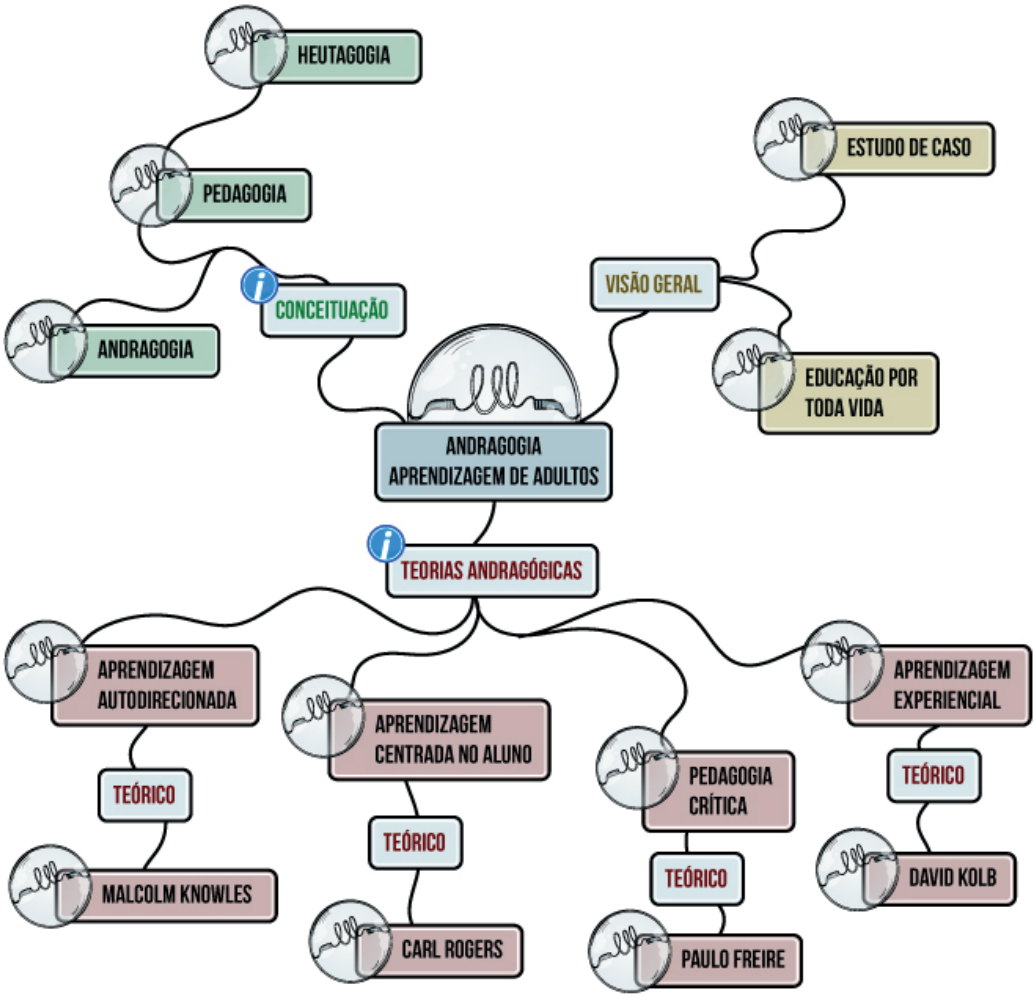
Seja bem-vindo ao módulo **Teoria e prática dos estilos de aprendizagem**.

Neste material, você terá uma visão geral sobre preferências de aprendizagem do aluno adulto.

Espera-se que os tópicos aqui discutidos ajudem você a:

- Reconhecer o seu próprio estilo cognitivo e de aprendizagem. Objetivos
- Compreender a teoria subjacente aos estilos de aprendizagem.
- Distinguir estilos cognitivos e preferências de aprendizagem.
- Refletir sobre as potencialidades e restrições da classificação dos estilos de aprendizagem.

Os conteúdos trabalhados nesta unidade podem ser representados graficamente no seguinte mapa mental:



Enap

Enap

DICA

Você pode acessar qualquer um desses conteúdos a qualquer momento, na ordem em que desejar. Mas, antes, conheça a teoria dos estilos de aprendizagem.

2.1 A teoria dos estilos de aprendizagem

Neste tópico você terá oportunidade de conhecer um pouco sobre a teoria dos estilos de aprendizagem.

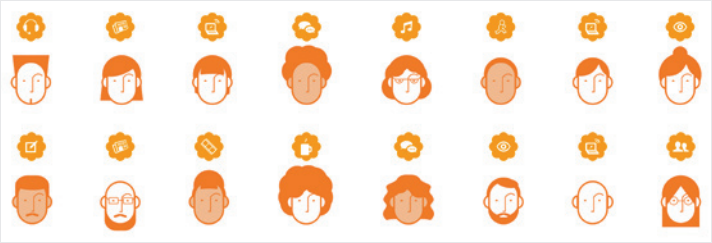
O conteúdo será apresentado utilizando-se diferentes recursos de acordo/compatíveis com cada estilo.

Explore os três formatos de apresentação do conteúdo e tente identificar o seu estilo predominante.

São muitas as abordagens pedagógicas e andragógicas (para não mencionar a corrente heutagógica) que explica o que significa aprender.

Apesar disso, existem certos consensos:

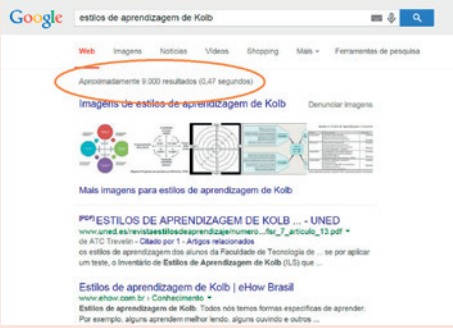
AS PESSOAS SÃO DIFERENTES UMAS DAS OUTRAS.
CADA INDIVÍDUO APRENDE DE MODO DIFERENTE.



Além disso, de acordo com a andragogia, as diferenças individuais se acentuam com o passar do tempo, sendo mais evidentes entre os adultos.

As diferenças individuais são determinadas por uma gama de fatores de natureza individual, grupal e cultural. Entre esses fatores, a andragogia situa os estilos de aprendizagem.

Discutir o tema "estilos de aprendizagem", no entanto, não é uma tarefa simples, devido ao crescente corpo teórico relacionado.
Para você ter uma ideia, apenas sobre o inventário de estilos de aprendizagem de Kolb, uma das correntes que serão abordadas nesta unidade, encontramos mais de mil artigos e publicações.



Por essa razão, selecionamos algumas famílias de estilos de aprendizagem que são representativas o bastante para nos darem uma visão panorâmica sobre a teoria na atualidade.

2.2 Estudo de caso: identificando o seu estilo cognitivo

Seu primeiro desafio nesta unidade é conhecer qual é o seu estilo cognitivo. Para isso, antes de refletir sobre as teorias e os autores que abordam esse tema, você poderá responder a um questionário que irá ajudá-lo a identificar seu estilo.

O questionário é composto por 12 perguntas. Em cada uma delas, você deverá assinalar a alternativa que melhor corresponda ao seu modo de pensar ou agir. Não existem respostas corretas ou erradas.

Responda ao questionário VAK.

2.3 Famílias de estilos de aprendizagem

Uma coisa é certa: existem dezenas de classificações para os estilos de aprendizagem. Cada uma delas dá mais ênfase a uma ou outra característica do ser humano.

Para fins didáticos, organizamos os estilos de aprendizagem em famílias. Veremos algumas delas nesta unidade.

As famílias de estilos podem ser distribuídas em um *continuum* que abrange desde características fisiologicamente determinadas até preferências culturalmente aprendidas.

As características que dependem de marcadores genéticos são, evidentemente, mais estáveis, isto é, menos sujeitas a mudanças ao longo da vida. As características aprendidas culturalmente são desenvolvidas a partir do conjunto de experiências vividas pelos indivíduos. Isso quer dizer que podemos adquirir novas preferências ao longo de nossa vivência como aprendizes.

Como exemplos de famílias que se fundamentam em bases fisiológicas, temos a **classificação VAK**, desenvolvida pelos teóricos Rita e Kenneth Dunn, e que foi usada como base para identificar seu estilo cognitivo no início desta unidade.

Para as preferências aprendidas culturalmente, temos como representante o **inventário de estilos de aprendizagem** David Kolb (do qual deriva o questionário de Honey-Alonso que responderemos ao final desta unidade).

Entre esses dois extremos do, existe uma classificação bastante reconhecida nos meios acadêmicos: a teoria de **dependência e independência de campo** desenvolvida por Witkin, que veremos a seguir.

2.4 A classificação VAK

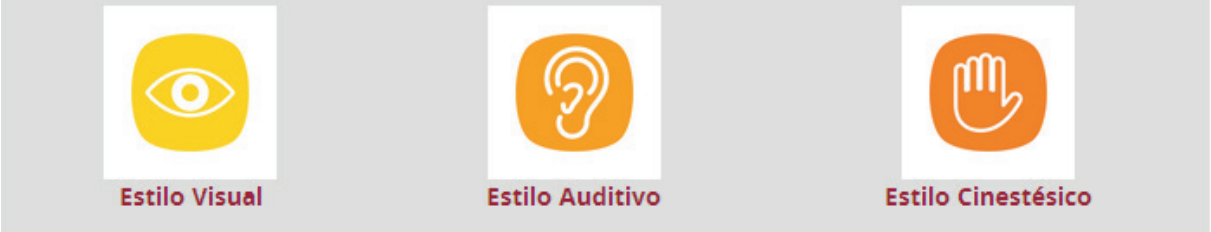
A classificação VAK faz parte do modelo criado por Rita e Kenneth Dunn com base em diferentes modalidades de percepção do mundo.

A teoria afirma que as pessoas usam preferencialmente determinados canais sensoriais - visão, audição e cinestesia - para perceber a realidade à sua volta.

Segundo esse modelo, os estilos cognitivos se classificam em:

- **Visual:** revela-se em ações relacionadas à visão, como observar e ler.
- **Auditivo:** diz respeito a ações relacionadas à audição, como ouvir e falar.
- **Cinestésico:** (o K vem do termo em inglês *kinesthetic:* envolve a cinestesia (percepção de tato e movimento), expressando-se em atividades como sentir e tocar.

Como podemos ver, a classificação das diferenças individuais na percepção da realidade tem influência direta na maneira como aprendemos (e ensinamos). Conheça agora mais detalhes sobre cada um dos estilos cognitivos e suas implicações para os ambientes de aprendizagem.



Estilo Visual

As pessoas com estilo visual preferem ver a ouvir. Para elas, palavras, imagens e diagramas ajudam a entender melhor as ideias do que explicações ou discussões orais.

Quando algo está sendo explicado para uma pessoa com estilo visual, ela geralmente cria uma imagem mental do que está sendo apresentado.

Os aprendizes visuais podem ser subdivididos ainda em:

- **verbais:** aprendem melhor com a leitura e escrita, ou seja, têm facilidade em lidar com palavras registradas visualmente.
- **não-verbais:** têm dificuldade com a escrita e aprendem mais quando é empregada a linguagem pictórica em fotografias, ilustrações, vídeos etc.

Além disso, quando os aprendizes são desafiados a criar seus próprios recursos visuais para que outras pessoas visualizem, eles aprofundam seu entendimento sobre o assunto em questão e identificam as relações desse tema com outros conhecimentos, ampliando assim sua capacidade de compreensão da realidade.

Enap

Assim, para tornar o ambiente de aprendizagem mais propício às pessoas predominantemente visuais, recomenda-se:

- Usar sempre gráficos, ilustrações e outros recursos visuais.
- Incluir esquemas, mapas mentais, anotações e resumos para auxiliar o aluno a representar visualmente conceitos abstratos.
- Deixar espaços em branco nos materiais didáticos para que os alunos façam anotações.
- Registrar questões por escrito para ajudar os alunos a se manterem atentos em palestras e seminários.
- Anotar em *flip charts* ou *slides* os principais pontos de uma apresentação oral.
- Em comunicação, enfatizar, por meio de entonação, ritmo e altura da voz, os pontos-chave que possam ser registrados rapidamente por escrito.
- Complementar informação textual com ilustrações sempre que possível.
- Desafiar os alunos a representarem visualmente sua compreensão sobre tópicos em discussão.

Estilo Auditivo

As pessoas com estilo auditivo preferem a comunicação oral, por isso apreciam discussões em sala de aula e costumam mover os lábios ou sussurrar enquanto estão lendo.

Um aprendiz auditivo pode apresentar dificuldades com atividades de leitura e escrita, pois depende prioritariamente da audição para processar as informações que lhe são apresentadas.

Por outro lado, o aprendiz auditivo apresenta duas características consideradas positivas no ambiente escolar e universitário: é um ótimo "ouvinte" e gosta de trocar ideias com os colegas.

Por essa razão, estratégias que envolvem a verbalização, seja na apresentação de conteúdos pelo professor, seja na proposição de atividades aos alunos, valorizam os pontos fortes das pessoas com estilo auditivo.

Para tornar o ambiente de aprendizagem mais propício às pessoas predominantemente auditivas, as recomendações ainda incluem:

- Usar o método socrático em palestras a fim de propor aos alunos questões que os ajudem a direcionar a informação a ser processada.
- Permitir que os alunos expressem oralmente suas dúvidas e comentários.
- Estimular atividades que possibilitem aos alunos estabelecer um diálogo interno sobre os tópicos de estudo tratados.
- Desenhar atividades coletivas que incluam expressão oral, tais como *brainstorming* ("tempestade de ideias"), jogos e trabalhos em duplas ou trios.
- Convidar especialistas para falar com os alunos.

Estilo Cinéstico

As pessoas com estilo cinestésico aprendem combinando todos os sentidos e dão preferência às sensações táteis e aos movimentos.

Esse tipo de aprendiz tende a perder a concentração quando há pouca ou baixa estimulação externa ou movimentação.

Por isso, quando estão estudando, os aprendizes cinestésicos costumam caminhar e ler em voz alta suas anotações, e também não é raro que usem instrumentos como caneta e ponteiro do mouse para destacar informações registradas em livros, artigos e *sites*.

Eles também gostam de situações nas quais podem manipular materiais e fazer experiências. Assim, atividades de laboratório, pesquisas de campo e visitas técnicas são bastante apropriadas.

Um ambiente de aprendizagem propício ao estilo cinestésico deve, portanto, seguir algumas recomendações:

- Propor atividades que levem os alunos a se movimentar fisicamente.
- Usar marcadores coloridos para enfatizar pontos-chaves em *flip-charts* e *apresentações de slides*.
- Estimular os alunos a interagirem com materiais escritos ou gráficos, usando canetas coloridas e recursos digitais como iluminadores.
- Desafiar os alunos a transferirem informações de um suporte para outro, por exemplo, gravando a locução de um texto escrito, representando em diagramas uma palestra gravada etc.

2.5 Dependência/independência de campo

De acordo com Piconez (2002), a categorização de estilos de Hermann A. Witkin e seus associados (1977) tem sido a mais pesquisada e possui alto grau de generalidade e penetração.

De acordo com esta abordagem, há duas formas de perceber a informação: de forma dependente (globalmente) ou de forma independente de campo (analiticamente).

O termo "campo" corresponde a contexto ou ambiente. A dependência ou independência de campo, portanto, se refere à extensão em que uma pessoa percebe a parte de um campo como distinta do campo que a cerca.

Witkin e seus colaboradores realizaram vários experimentos para demonstrar como algumas pessoas são menos e outras são mais influenciadas pelo campo.

Acompanhe um exemplo simples:

As pessoas dependentes de campo são mais afetadas pela posição da moldura e falham em alinhar a barra verticalmente. As pessoas independentes de campo ignoram a moldura e alinham facilmente a barra na posição vertical, como mostra a figura abaixo.

Uma pessoa sentada em uma sala escura é desafiada a alinhar verticalmente uma barra luminosa. O detalhe é que a barra deve ser posicionada dentro de uma moldura também luminosa, mas que está levemente inclinada.

Para os autores, a dependência ou a independência de campo se explicam tanto por fatores biológicos quanto pela história de vida individual de uma pessoa e pelas influências culturais que ela recebe.

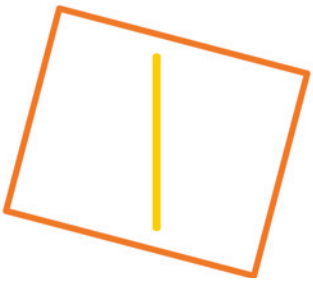
Assim, as estruturas cognitivas são passíveis de alterações em função de novas experiências de aprendizagem. Por consequência, uma prática educacional que valorize a autonomia dos alunos favorecerá o desenvolvimento da independência de campo, enquanto propostas mais "paternalistas" reforçarão a dependência.

De toda forma, as pessoas tendem a demonstrar um dos dois estilos distintos de aprendizagem, cujas características são detalhadas a seguir.

Estilo independente de campo

Estilo dependente de campo

2.5.1 Estilo independente de campo



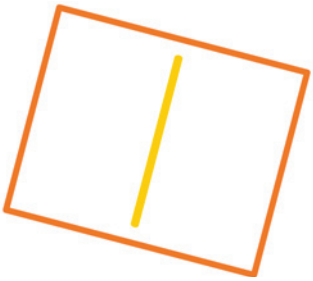
As pessoas caracterizadas como independentes de campo tendem a perceber os elementos separados do seu contexto. E, quando há certa ambiguidade e pouca organização, têm facilidade de impor uma estrutura ao campo e percebê-lo como organizado.

Assim, os chamados campos-independentes tendem a separar mais nitidamente o eu do não-eu. Desse modo, desenvolvem uma orientação mais impessoal, com ênfase maior em questões abstratas e teóricas.

No ambiente de aprendizagem, não se exige tanta estrutura externa e *feedback*. Em geral, parecem menos influenciados pelas recompensas do meio social. Têm facilidade em resolver problemas analíticos e adaptam-se melhor à abstração.

Costumam perseguir objetivos autodefinidos e atuam melhor quando podem desenvolver suas próprias estratégias. Preferem interagir com os conteúdos a se relacionar com o professor ou os colegas, e não encontram dificuldade em corrigir os outros e serem corrigidos.

2.5.2 Estilo dependente de campo



As pessoas caracterizadas como dependentes de campo têm dificuldades em tratar de problemas cuja solução implica separar algum elemento do contexto no qual se apresenta, e em reestruturar os dados de forma tal que determinado elemento seja utilizado num contexto diferente.

Considerando o ambiente social mais amplo, os chamados campo-dependentes tendem a apoiar-se nos esquemas dominantes de referência para definir suas atitudes, crenças e sentimentos. Dessa forma, demonstram mais sensibilidade aos sentimentos das outras e exibem habilidades interpessoais mais desenvolvidas.

No ambiente educacional, preferem maior direcionamento e *feedback*. Dão grande importância a referenciais sociais, por isso se sentem bem resolvendo problemas em grupo e aprendendo de modo colaborativo. Carecem de objetivos definidos externamente e têm dificuldade em lidar com materiais desorganizados ou pouco estruturados, necessitando de instruções mais explícitas. Na relação professor-aluno, apreciam a informalidade e a proximidade, mas relutam em dar e receber *feedbacks* críticos.

2.6 O inventário de estilos de Kolb

David Kolb baseou-se na teoria de aprendizagem experiencial para classificar os estilos de aprendizagem.

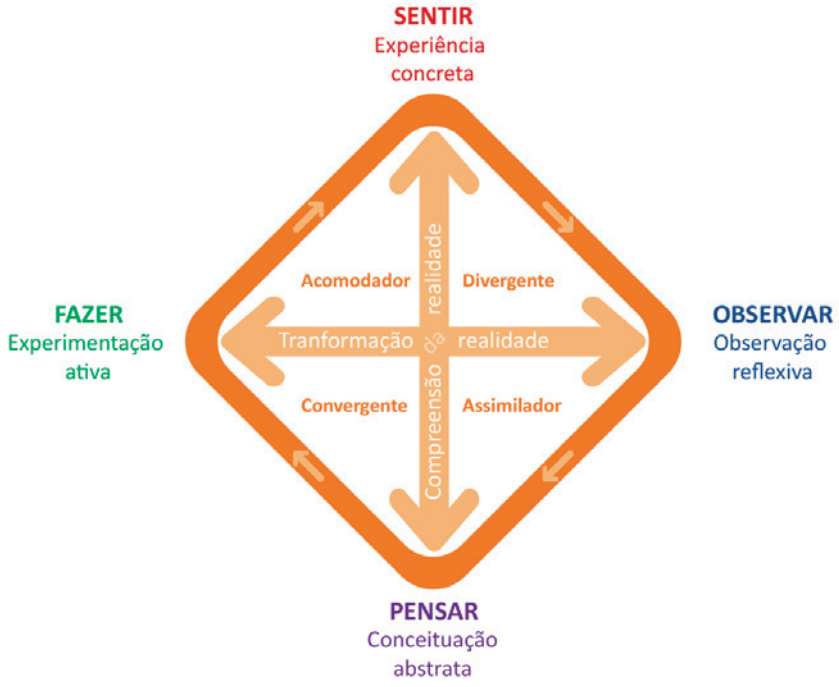
Partindo da ideia de que aprender é transformar experiência em conhecimento, Kolb desenvolveu um Inventário de Estilos de Aprendizagem, que nada mais é que um autoquestionário com uma série de perguntas sobre como as pessoas aprendem.

As respostas tabuladas são posicionadas num diagrama que reproduz o ciclo de aprendizagem experiencial, permitindo ao indivíduo visualizar seus modos de adaptação preferenciais:

- a dimensão SENTIR-PENSAR diz respeito à compreensão da realidade;
- a dimensão OBSERVAR-FAZER se refere à transformação da realidade.

Assim, do ciclo de aprendizagem experiencial, derivam-se quatros estilos de aprendizagem: divergentes, convergentes, assimiladores e acomodadores.

Enap



Estilo Acomodador

O **estilo acomodador** aprende principalmente a partir da experiência prática, aprecia desafios e novas experiências, gosta de assumir riscos e de situações em que precisa adaptar-se a mudanças, confia mais nos sentimentos que na análise lógica, e mais nas pessoas que em análises técnicas. Suas preferências de aprendizagem compreendem trabalho de campo, atividades práticas e *roleplayings* (desempenho de papéis).

Estilo Divergente

Segundo Kolb, o **estilo divergente** encara as situações concretas de diferentes pontos de vista, aprecia a geração de ideias, tem interesse nas pessoas e tende a ser imaginativo e emocional.

Suas preferências de aprendizagem incluem:

- *brainstorming* (tempestade de ideias);
- trabalhos em grupo; e
- *feedback* (devolutiva) personalizado.

Estilo Convergente

Para Kolb, o **estilo convergente** busca aplicações práticas para as ideias, aprecia resolver problemas e tomar decisões e prefere tarefas técnicas a questões interpessoais.

Suas preferências de aprendizagem são: simulações, experiências em laboratório, aplicações claras ao mundo real e testes objetivos.

Estilo Assimilador

De acordo com Kolb, o **estilo assimilador** gosta de reunir fatos e organizá-los de forma lógica e integrada, é mais focado em ideias e conceitos abstratos que em pessoas, e está mais interessado na coerência lógica que na utilidade prática. Suas preferências de aprendizagem incluem: leituras, palestras e exploração de modelos analíticos.

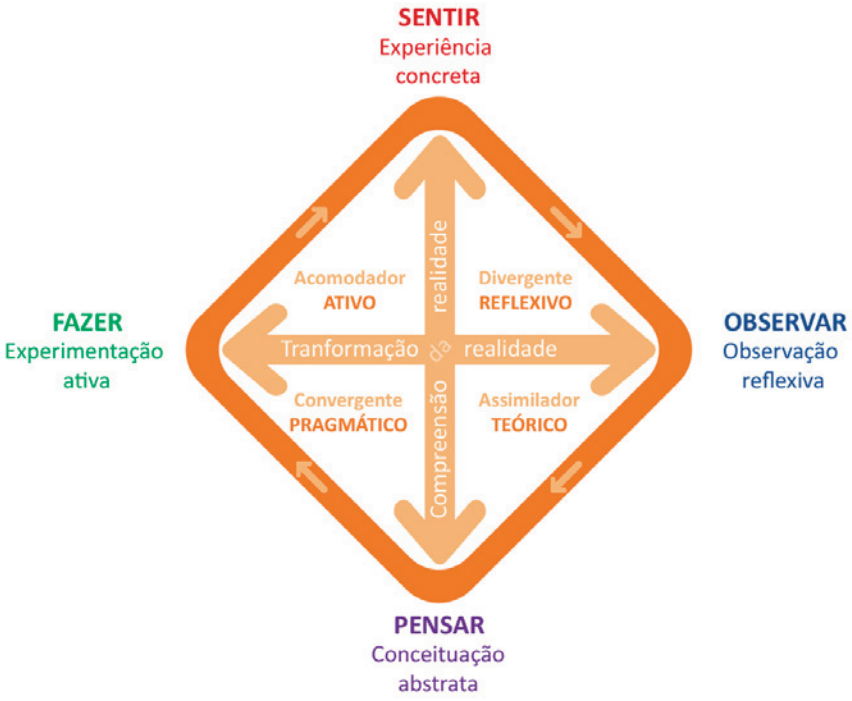
2.7 Classificação de Honey-Alonso

Uma das classificações derivadas da teoria de estilos de David Kolb é de **Honey-Alonso** (amaral e barros, 2007).

Segundo essa categorização, a aprendizagem e o comportamento humano resultam da interação entre o ambiente, a experiência prévia vivida pelo aprendiz adulto e os conhecimentos construídos individualmente.

Outra diferença importante entre as duas abordagens é o instrumento empregado para identificação de estilos. Enquanto o Inventário de Kolb só pode ser utilizado mediante pagamento de *royalties*, o questionário de Honey-Alonso é de livre utilização.

Mesmo assim, existe uma forte correlação entre os estilos de Kolb e de Honey-Alonso, como mostra a figura a seguir.



Estilo Ativo

De acordo com Honey-Alonso, as pessoas de **estilo ativo** apreciam novas experiências, têm a mente aberta e são entusiasmadas por tarefas novas. Vivem em grupo e se envolvem com os assuntos dos outros. Seus dias são repletos de atividades. Assim que terminam uma atividade, já pensam na próxima. Elas gostam de desafios que possibilitam novas experiências, mas não apreciam prazos muito longos.

Adjetivos que se aplicam aos representantes deste estilo são: animadores, improvisadores, descobridores, abertos ao risco, espontâneos.

Estilo Reflexivo

Segundo Honey-Alonso, as pessoas do **estilo reflexivo** gostam de considerar uma experiência de diferentes perspectivas. Costumam reunir dados, analisando-os detalhadamente antes de formular uma conclusão.

Enap

Tendem a ser prudentes: gostam de analisar todas as alternativas possíveis antes de tomar uma decisão e agir. Também preferem observar a atuação das outras pessoas, em vez de serem observadas.

Adjetivos que se aplicam aos representantes deste estilo são: ponderados, conscientes, receptivos e analíticos.

Estilo Pragmático

Conforme Honey-Alonso, as pessoas do **estilo pragmático** gostam de colocar as ideias em prática. Descobrem o aspecto positivo das novas ideias e aproveitam a primeira oportunidade para experimentá-las.

Tendem a distanciar-se de teorizações e a demonstrar impaciência com discussões e pessoas extremamente abstratas. São realistas quando precisam tomar decisões. Sua filosofia é "sempre é possível fazer algo melhor" e "se algo funciona, isso significa que é bom".

Adjetivos que se aplicam aos representantes deste estilo são: experimentadores, práticos, diretos, eficazes e realistas.

Estilo Teórico

Para Honey-Alonso, as pessoas do **estilo teórico** encaram os problemas de forma lógica. Integram o que fazem em teorias complexas e coerentes. Gostam de analisar e sintetizar.

São profundas ao pensar sobre princípios, teorias e modelos. Para elas, se é lógico, é bom. Buscam a racionalidade e a objetividade; distanciam-se do subjetivo e do ambíguo, tendendo ao perfeccionismo.

Adjetivos que se aplicam aos representantes deste estilo são: metódicos, lógicos, objetivos, críticos e estruturados.

2.8 Estudo de caso: identificando o seu estilo de aprendizagem

Seu desafio final nesta unidade é identificar o seu estilo de aprendizagem conforme a categorização de Honey-Alonso.

Para isso, leia as afirmações a seguir e assinale apenas aquelas que correspondem ao seu modo de pensar ou agir. Lembre-se: não existem respostas certas ou erradas.

Após enviar o questionário completo, você receberá um *feedback* automático com a identificação do seu estilo.

Responda ao Questionário Honey-Alonso.

2.9 Fechamento

A teoria dos estilos de aprendizagem é alvo de muitas críticas. A principal delas é a descontextualização do processo de ensino-aprendizagem, devido à ênfase na experiência individual, à custa dos aspectos psicodinâmicos, sociais e institucionais.

Além disso, muitos consideram problemático recorrer a instrumentos de diagnóstico autorreferenciados (respondidos pelo próprio sujeito analisado) para identificação dos estilos.

E os resultados identificados muitas vezes não passam de rotulagem pura e simples, sem maiores implicações para a prática educacional.

A despeito dessas várias limitações, permanece a ideia de que os adultos possuem preferências de aprendizagem relativamente estáveis.

Nesse sentido, a teoria de estilos de aprendizagem oferece um vocabulário acessível a alunos e educadores para descrever comportamentos em situações didáticas variadas.

Também permite que as pessoas aumentem a consciência e a motivação a respeito da sua própria aprendizagem e da aprendizagem dos outros, tornando-se capaz de desenvolver habilidades de metacognição.

Assim, não importa qual seja a categorização adotada, compreender os estilos de aprendizagem pode ser um caminho muito frutífero para incorporar os princípios andragógicos ao planejamento e à execução de ações educacionais.

Referências bibliográficas

AMARAL, S. F.; BARROS, D. M. V. **Estilos de aprendizagem no contexto educativo de uso das tecnologias digitais interativas**, 2007. In: Simpósio Internacional sobre Novas Competências em Tecnologias Digitais Interativas na Educação, 1, 2007, São José dos Campos. Disponível em: <http://lantec.fae.unicamp.br/lantec/pt/tvdi_portugues/daniela.pdf> Acesso em mês/ano.

COFFIELD, F. et al. **Learning styles and pedagogy in post-16 learning: a systematic and critical review**. London: Learning And Skills Research Centre, 2008.

DEAQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson, 2007.

JOUGHIN, Gordon. **Estilo cognitivo e princípios do aprendizado do adulto**. International Journal of Lifelong Education, vol. 11, no.1 (janeiro-março 1992), 3-14. Tradução de Stela Piconez.

KNOWLES, M. S et al. **The adult learner**. Houston, Butterworth-Heinemann, 1998.

KOLB, D. A. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. Prentice-Hall Inc., New Jersey, 1984.

OLIVEIRA, J. M.; CSIK, M.; MARQUES, P. **Oficina Desenho de Cursos e Programa de Capacitação**. Brasília: ENAP, 2012.

PICONEZ, S. **Educação escolar de jovens e adultos**.São Paulo: Papirus, 2002.

WITKIN, H.A.; MOORE, C. A.; GOODENOUGH, D. R. & COX, P. W.. Field-dependent and field-independent cognitive styles and their educational implications. **Review of Educational Research, 47**, (1977) 1-64.

Enap